

PPB decide ficar fora da eleição à presidente

Patrícia Cunegundes
de Brasília

O PPB rendeu-se a seu líder, Paulo Maluf. Ontem, os diretórios regionais do partido decidiram que não apoiarão formalmente o tucano José Serra na corrida presidencial. Na falta de um consenso, o PPB preferiu liberar seus filiados. Os pepebistas ligados ao governo, como o caso do deputado federal Francisco Dornelles (RJ), perderam a queda-de-braço com a ala ligada a Maluf. A decisão de liberar a legenda vai ser formalizada na convenção do partido, marcada para ocorrer de 10 a 16 de junho.

“Na prática, isso inviabiliza um acordo com Serra e cada diretório estadual fará sua opção”, afirmou o deputado federal paranaense Ricardo Barros, também ligado ao Palácio do Planalto. Segundo ele, ala governista do PPB teria dificuldades na convenção e seria um custo muito alto para o partido. A decisão foi consequência da verticalização das coligações partidárias, mas segue a tendência do PFL, que também não dará apoio formal a nenhum candidato à Presidência.

Aliás, o futuro do PPB é o PFL, partido com o qual muito possivelmente se fundirá depois das eleições de outubro ou então após os resultados das investigações sobre as contas que o ex-prefeito Maluf teria nas Ilhas Jersey e na Suíça.

Na opinião do cientista político David Fleischer, da Universidade de Brasília (UnB), se ficar demonstrado que Paulo Maluf tem responsabilidade sobre o dinheiro (o que o ex-prefeito nega) ele acabará se afastando do cenário político durante algum tempo e o PPB definhará.

“Muitos filiados estão descontentes porque o presidente do PPB usou muito tempo do horário político para defender-se de acusações, coisa considerada muito pior do que as aparições de Roseana Sarney nos programas do PFL. Para Fleischer, o presidente nacional do PPB é, atualmente, um “líder na berlinda”.

Além da fusão com o PFL, analistas políticos apontam outras alternativas para o PPB. Alguns cientistas acreditam que os pepebistas podem seguir caminhos diferentes ou, ainda, criar um novo partido. Informalmente, líderes do partido concordam com a possibilidade do fim do PPB. Muitos consideram que, sem uma representatividade nacional, não há outra alternativa dos pepebistas senão unir-se definitivamente com os pefelistas. “Somos um partido de forças regionais e cada vez mais exíguas”, afirmou um dos vice-presidentes pepebistas. Apesar dos 53 deputados federais e dos três senadores que a legenda abriga atualmente, o PPB não tem uma liderança representativa no Congresso Nacional.

Hoje, o partido ainda tem fôlego em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Os filiados sulistas, inclusive, tentaram, no ano passado, destituir Maluf da presidência da legenda, mas a ala paulista, mais uma vez, conseguiu manter-se no comando. A força de Paulo Maluf — apesar de opinião uníssona de que o presidente do partido está, há tempos, em franca decadência — deve-se a acordos firmado entre o paulista, a ala liderada por Francisco Dornelles e a bancada nordestina.

Os desentendimentos internos no PPB começaram em 1998, quando o partido resolveu apoiar Fernando Henrique Cardoso — a última vez em que lançou candidato foi na disputa presidencial de 1994; com o atual governador de Santa Catarina Esperidião Amin.

Nas eleições municipais de 2000, perdeu espaço nos estados e desde aquela época já se previa uma fusão com o PFL, partido ideologicamente afim e que divide com o PPB a mesma origem política: o PDS. Líderes regionais, como os governadores do Tocantins, Siqueira Campos, e do Amazonas, Amazonino Mendes, tornaram-se pefelistas, enfraquecendo ainda mais os pepebistas na Amazônia.